

Vladimir Safatle
Cinismo e falácia da crítica
 São Paulo: Boitempo, 2008.

O tema do cinismo da razão, em perspectiva conservadora, foi posto em circulação pelo filósofo alemão Peter Sloterdijk, no livro *Crítica da razão cínica*, de 1988. Mas foi retomado, numa perspectiva de esquerda, por Fredric Jameson, Slovoj Zizek e outros, que transformaram a crítica da razão em si mesma numa crítica cultural do capitalismo. O primeiro desses dois autores atribuiu o triunfo da razão cínica, a partir dos anos 80, a uma “profunda decepção com a práxis política”. Os ocasos da revolução russa e da revolução chinesa, o crepúsculo das socialdemocracias européias, fizeram despontar um sol tão inclemente quanto aquele que brilha no deserto: o neoliberalismo. E ele trouxe consigo a veneração do mercado, o consumismo onipresente, à rendição da liberdade aos mecanismos da mão-invisível, etc.

Já Zizek considerou que o advento da razão cínica anuncjava um aprofundamento das mistificações constitutivas do sistema que vinha impor, inclusive, limitações ao modo tradicional de fazer crítica da economia política. Na formulação mais rigorosa dessa crítica, como se sabe, tais mistificações apareciam como inerentes à realidade social, como condição necessária para que ela própria se reproduza. Contudo, a compreensão da ideologia nessa forma clássica pressupunha, segundo ele, que os agentes comprometidos diretamente na prática utilitária, assim como os analistas superficiais dos acontecimentos econômicos, desconhecessem os pressupostos objetivos de suas crenças. A melhor expressão dessa inocência por ignorância fora fornecida pelo próprio Marx quando declarara nas páginas de *O Capital*, sobre a redução do trabalho concreto ao abstrato, que ela ocorria realmente por meio das práticas sociais cotidianas dos agentes econômicos, mas que “eles não sabem, mas o fazem”.

Nessa ótica, por exemplo, Adam Smith teria exaltado as virtudes da mão-invisível porque desconhecia ainda as tendências catastróficas da acumulação de capital. Alfred Marshall teria dito que os ideais piedosos seriam mais importantes na formação do caráter do homem do que a competição econômica porque as religiões ainda não estavam contaminadas pelos valores mercantis. Walras teria se acreditado socialista porque pensava sinceramente que era possível modificar a repartição da riqueza para obter certa justiça social, ainda que se conservasse intacto o modo de produção. Em todos esses casos, se poderia dizer com referência à ideologia, portanto, que esses pensadores não sabiam, mas nela caiam, porque ignoravam a natureza do capitalismo.

Zizek aponta que Sloterdijk descobrira uma mutação na compreensão corrente do capitalismo ao propor em seu livro que o funcionamento da ideologia se tornara cínico. Segundo ele, “o sujeito cínico tem perfeita ciência da distância entre a máscara ideológica e a realidade social, mas, apesar disso, continua a insistir na máscara”. Eis que o próprio Sloterdijk, num acesso de sinceridade cruel, propusera uma mudança na fórmula expressiva da ideologia para fazê-la adequar-se às condições contemporâneas: ao invés de afirmar que “eles não sabem, mas o fazem”, ter-se-ia de proferir que “eles sabem muito bem, mas fazem assim mesmo”.

Associando o termo “falsa consciência” ao estágio anterior da compreensão ideológica, Zizek sugeriu, então, que a forma predominante dessa compreensão na fase atual teria o caráter de enganação socialmente necessária e deveria estar associada ao termo “falsa consciência esclarecida”. O ideólogo típico atual, por exemplo, sabe que defende certos interesses particulares ao sustentar determinadas teorias macroeconômicas, mas mesmo assim não renuncia a elas. Ora, se este é o caso, então,

evidentemente, a crítica dialética clássica, cujo procedimento consiste em desvelar o que está implícito (pressuposto) nas manifestações explícitas (postas), segundo ele, perde a sua eficácia – ou mesmo se torna impossível.

O tema do cinismo ideológico, pois, interessa à crítica contemporânea da Economia Política. Por exemplo, Deindre McCloskey não declarou em seu *The Rhetoric of Economics* que esta é uma ciência histórica e não uma ciência preditiva... é auto-compreensão social (na verdade, uma teoria crítica como o marxismo e a psicanálise)? Em seu controvertido ensaio metodológico, *The methodology of positive economics*, Milton Friedman não afirmou que “economics” vem a ser “um corpo de conhecimentos que se refere ao que é” e, ao mesmo tempo, que ela “é descritivamente falsa em seus supostos”?

Esse tema interessa também à compreensão do próprio sistema econômico. Compare-se: no capitalismo clássico, mesmo na fase monopolista, o lucro dependia mais da disciplina fabril e, assim, da eficiência relativa na produção de mercadorias, enquanto que, no capitalismo de pós-grande indústria, o lucro passa a depender intensamente do controle ideológico dos trabalhadores na produção e dos consumidores na esfera da circulação das mercadorias. A própria produção científica no capitalismo tardio não está dominada pelo cinismo? Na economia positiva clássica, a teoria vale por sua presumida capacidade de apreensão das conjunções de eventos, mas na economia positiva contemporânea, ela vale mais por sua alardeada capacidade de manipular símbolos matemáticos e estatísticos. Ora, esse formalismo escancarado não se apresenta também como defesa da boa gestão capitalista e da excelência organizativa do mercado? Não se passou, assim, da economia vulgar para a economia pós-vulgar?

O cinismo e a falácia da crítica é o tema do livro de Vladimir Safatle. Eis o que em resumo desmascara: na situação contemporânea, não mais nada para desmascarar... Assim, trata-se agora, em suas próprias palavras, “de mostrar de que modo o cinismo deve ser compreendido como categoria maior para a análise das dinâmicas de racionalização em operação nas múltiplas esferas de interação social no capitalismo contemporâneo”. Além disso, o texto procura ir além da análise sociológica do sistema, para mostrar que se observa um esgotamento dos padrões de racionalidade normativa e valorativa inerente à modernidade burguesa. Dito de outro modo, como o império da razão instrumental erodiu pouco a pouco as próprias bases morais e éticas da chamada civilização ocidental, sobrou apenas o cinismo como forma de racionalidade capaz de estabilizar situações de extrema anomia, em todas as esferas da vida social.

Com esses objetivos, o livro examina os atos de fala de duplo nível como o sarcasmo, a derrisão, a ironia, o cinismo, etc. sob o fundo da dialética hegeliana com as suas categorias dúplices de essência e aparência, forma e matéria, pressuposição e posição, etc. Em particular, contrapõem a dialética à ironia e ao cinismo, discutindo o tema na própria obra de Hegel. No segundo capítulo, investiga as configurações contemporâneas do cinismo sob um título provocativo “was ist zynismus?”. Em outro capítulo, invoca as reflexões de Adorno sobre a cultura do capitalismo tardio para falar “sobre um riso que não reconcilia”. Examina as formas da propaganda no texto “sexo, simulacro e políticas de paródia”. Ainda que essa obra, por trabalhar no campo da filosofia e da psicanálise, não seja de fácil leitura para os economistas críticos – para os vulgares e pós-vulgares, ela seria saudavelmente indigesta, mas... quê esperança! –, mostra-se capaz de estimular esforços de renovação necessários à compreensão do capitalismo contemporâneo, assim como, à crítica da economia política.